

Crianças britânicas publicam artigo em revista científica

Publicar um artigo numa revista como a "[Biology Letters](#)", da Royal Society, uma das associações científicas mais tradicionais do mundo, nem sempre está ao alcance de qualquer investigador, dado as características e qualidade exigidas.

Para surpresa de toda a gente, um grupo de crianças entre os oito e os dez anos, de uma escola primária em Devon, na Inglaterra, conseguiu fazê-lo, publicando uma investigação em que se descobriu que as abelhas podem ser treinadas para reconhecer cores na procura de alimento.

Estes jovens "investigadores" tiveram a consultoria do neurocientista Beau Lotto, da University College London. Contudo, este garantiu que o trabalho foi "**inteiramente concebido e escrito**" pelas crianças.

Depois de se proporem a descobrir se as abelhas poderiam aprender a usar padrões de cores para encontrarem o caminho até às flores mais doces e nutritivas, os alunos testaram-nas e, de acordo com o estudo, verificaram que estes insectos "**podem usar as combinações de cores para orientar-se no espaço ao decidir qual é a cor da flor para onde irão**". Além disso, constataram que "**a ciência é divertida, porque se pode fazer coisas que ninguém antes fez**".

A Royal Society valorizou este trabalho na medida em que faltava compreensão sobre o objecto de estudo das crianças, pelo que as descobertas são um "**verdadeiro avanço**" neste campo.

Segundo o editor da "Biology Letters", Brian Charlesworth, este é o primeiro caso, a nível mundial, em que crianças publicam numa revista científica. "**Espero que isso inspire outros grupos a perceber que a ciência não é um clube fechado, mas algo que está disponível para todos**", sublinhou.

Este projecto surgiu depois de uma palestra sobre o ensino da ciência dada por Beau Lotto na escola Blackawton, onde o seu filho estuda. A partir daí, o neurocientista e o director Dave Strudwick ajudaram as crianças a desenvolver as experiências.**a lápis de cor**

"O verdadeiro trabalho científico é repleto de incertezas, sendo por isso tão excitante. É isto que falta na educação, onde os assuntos são apresentados como uma série de certezas aborrecidas", disse Lotto.

O trabalho foi editado pelo cientista, mas manteve os textos das crianças sobre o tema. Até mesmo as tabelas, pintadas com lápis de cor, foram mantidas na publicação. Para ser aceite na "Biology Letters", o artigo teve que ser comentado por dois investigadores especialistas no tema, visto que o texto não tinha referências bibliográficas.

Laurence Mahoney, da Universidade de Nova York, e Natalie Hempel de Ibarra, da Universidade de Exeter, observaram que as experiências foram **"modestas, mas inteligente e correctamente organizadas, além de conduzidas de forma controlada"**.

Fonte: Ciência Hoje